

Experiências de leitura: um caminho para formação de leitores

Rafael da Cruz Freitas¹

Fabiane Verardi²

Resumo

Este artigo, derivado de uma dissertação de mestrado, apresenta a metodologia das "Experiências de Leitura", uma abordagem pedagógica fundamentada nos pressupostos teóricos de Larrosa (2022), Langer (2005) e Cosson (2023). A pesquisa, de natureza aplicada e delineada como pesquisa-ação-participante, foi realizada com estudantes do Ensino Médio de uma escola pública em Passo Fundo/RS. O objetivo é expor como a vivência literária, estruturada em três momentos — *Sensibilização*, *Compartilhamento* e *Conexões* —, impacta a subjetividade dos leitores. A partir da leitura do conto "Olhos d'Água", de Conceição Evaristo, o estudo analisa diários de leitura como instrumento de registro e verificação da transformação subjetiva. A análise dos dados revela um diálogo profundo entre a obra e as vivências pessoais dos alunos, manifestado pela apropriação da narrativa, pela construção de representações espelhadas em suas próprias vidas e pela criação poética autoral como resposta ao texto. Conclui-se que a metodologia, aliada ao papel essencial do professor-mediador e à escolha de textos representativos, afirma a potência da literatura como uma ferramenta de profunda formação humana e social, capaz de promover uma transformação emocional e cultural significativa nos estudantes.

Palavras-chave: Experiência de leitura. Subjetividade. Mediação literária. Formação do leitor

Data de submissão: junho. 2025 – Data de aceite: junho. 2025

<http://dx.doi.org/10.5335/rdes.v21i2.17153>

¹ Possui formação acadêmica na área de Letras, com Mestrado em Letras pela Universidade de Passo Fundo (UPF), especialização em Linguagens e Tecnologias na Educação pelo Instituto Federal Sul-rio-grandense (IFSUL, 2021) e graduação em Letras - Português e Inglês e suas Respectivas Literaturas pela UPF (2019). <http://lattes.cnpq.br/2138507880832548> E-mail: 157130@upf.br

² Possui graduação em Letras pela Universidade de Passo Fundo (1991), Mestrado em Letras (Teoria Literária) pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1999), Doutorado em Letras (Teoria Literária) pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2004) e Pós-Doutorado pela Universidade de Coimbra (2019). É Professora Titular da Universidade de Passo Fundo, no curso de Letras, no Programa de Pós-Graduação em Letras e Coordenadora das Jornadas Literárias de Passo Fundo. Integrante do GT Leitura e Literatura Infantil e Juvenil da ANPOLL. Foi Docente Orientadora do Programa de Residência Pedagógica de Letras/UPF (2022-2024). É líder do Grupo de Pesquisa CNPq: Sobre Ensino de Literatura. Atualmente é Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras/PPGL. <https://orcid.org/0000-0002-6868-3616> E-mail: fabianevb@upf.br

1 Lançar-se ao mar: o começo de uma navegação profunda

Antes de propor uma certa forma de viagem a quem lê este escrito, é preciso afirmar que as palavras que aqui estão registradas são partes resultantes de uma dissertação de mestrado proposta, realizada e defendida por este professor pesquisador na linha de pesquisa de Leitura e Formação do Leitor do Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade de Passo Fundo. Realizada a devida apresentação da origem acadêmica deste trabalho, a viagem que agora é proposta a quem aceita o desafio de ler começa em um tempo ancestral que faz da parte de nossa formação enquanto sociedade, então, caro leitor, segue um aviso, aqui há perigo e as águas que serão navegadas são profundas e perigosas, assim se não há o desejo pela aventura, pare neste exato momento. Àqueles que optaram por continuar, o aviso esteve presente e este é um ponto de não retorno, ou seja, não há outra opção, se não a continuidade de viagem pelo que aqui trataremos como Mar de Subjetividades.

No sentido da aventura de que lê, se este trabalho fosse um conto fantástico far-se-ia uma bela descrição da embarcação que navega por um mar de águas subjetivas, toda via este trabalho – apesar da metáfora com o mar – não é sobre mares, nem sobre navios, sim sobre algo e sim sobre a transformação subjetiva do leitor no Ensino Médio a partir da vivência de Experiências de Leitura. Apresentado a temática deste artigo, coloca-se aqui os principais objetivos deste trabalho, apresentar ao leitor a metodologia proposta das Experiências de Leitura, a partir dos pressupostos teóricos de Larossa (2022), Langer (2005) e Cosson (2023) e expor os resultados obtidos com a aplicação e registro da primeira Experiência de Leitura.

Para cumprir com o que está proposto, este artigo está dividido em três partes do seguinte modo. A primeira parte, que compreende o segundo título deste trabalho, trata sobre as teorias basilares desta proposta, citadas acima, e apresenta, a partir da primeira proposição aos alunos – a leitura do conto *Olhos d'Água*, de Conceição Evaristo – especificando as três partes da Semiestrutura da metodologia proposta organizada em *Sensibilização*, *Compartilhamento* e *Conexões*. A segunda parte deste trabalho compreende a análise do instrumento de geração de dados selecionado para verificação da influência do texto literário na subjetividade do sujeito, os diários de leitura e como aqui trazemos apenas um recorte do trabalho realizado, os dados apresentados na respectiva seção correspondem apenas aos registros que correspondem a essa experiência. A última parte deste trabalho As considerações finais do artigo devem refletir sobre os impactos das Experiências de Leitura na subjetividade dos leitores, destacando como a metodologia proposta possibilitou diálogo entre literatura e vivências pessoais, promovendo transformação emocional e cultural. Além disso, será discutido o papel essencial do

mediador no processo e a relevância da escolha de textos representativos, afirmando a importância da literatura como ferramenta de formação humana e social.

O mapa metodológico desta pesquisa traça um percurso que parte da teoria à prática, configurando-se como uma investigação de natureza aplicada e com objetivos exploratórios. Como pesquisa aplicada, utiliza o conhecimento teórico já consolidado — notadamente os trabalhos de Judith A. Langer (2005), Rildo Cosson (2009; 2020) e Jorge Larrosa (2022) — para investigar a ação do texto literário na subjetividade do leitor. Seu caráter exploratório justifica-se pela escassez de informações acessíveis sobre o tema, demandando uma imersão que rompe com a ortodoxia positivista do afastamento, uma vez que a investigação ocorre na própria realidade pedagógica do pesquisador-professor. Por essa razão, e por se desenvolver no ambiente vivo de uma sala de aula de Ensino Médio na Escola Estadual Antonino Xavier e Oliveira, a pesquisa assume o delineamento da pesquisa-ação-participante. Conforme postulado por Thiollent (1998), esta abordagem envolve pesquisador e participantes de modo cooperativo na resolução de um problema coletivo, adequando-se à natureza dinâmica e relacional do espaço escolar. Todo o processo foi rigorosamente pautado na ética, resguardando os princípios de autonomia, beneficência e confidencialidade, tendo o projeto sido aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Passo Fundo (CEP/UPF), sob o Parecer Consubstanciado nº 6.243.336 (CAEE: 71084223.5.0000.5342).

2 Estamos em pleno mar: a cartografia da experiência de leitura

Neste trabalho compreendemos que a palavra age como guia, porque o mundo – inconstante – em que vivemos é rodeado por palavras, vive-se com palavras, sejam escritas, enunciadas ou, até sinalizadas – por mais controvérsias que existam sobre. Ou seja, é uma das poucas constantes que temos na vida, pois do momento em que nascemos até o leito de morte elas, de alguma, forma estão presentes, tenhamos passado ou não pelos bancos escolares, elas estão lá, vívidas, vivas e são criação e destruição, potentes mecanismos de subjetivação.

O homem é um vivente com palavra. E isto não significa que o homem tenha a palavra ou a linguagem como uma coisa, ou uma faculdade, ou uma ferramenta, mas que o homem é palavra, que o homem é enquanto palavra, que todo o humano tem a ver com palavra, se dá em palavra, está tecido de palavras, que o modo de viver próprio desse vivente, que é o homem, se dá na palavra e como palavra. [...] Quando fazemos coisas com as palavras, do que se trata é de como damos sentido ao que somos e ao que nos acontece, de como correlacionamos as palavras e as coisas, de como nomeamos o que vemos ou o que sentimos e de como vemos ou sentimos o que nomeamos. (Larrosa, 2022, p. 17)

Considerar e entender as palavras como mecanismos de subjetivação é o que

confere à palavra a capacidade de ser mutável, o que significa dizer que, como mecanismo de subjetivação, ela também funciona como mecanismo de experiências, o que confere sentido à escritura. A partir disso, tem-se a existência de um sujeito e por isso, conforme Larrosa (2022), a experiência é algo que nos acontece em Língua Portuguesa. Essa compreensão do autor pode ser ampliada porque se a palavra tem o poder de subjetivação, ela faz com que o sujeito se torne alguém de experiência, então além de nos acontecer, nos passa, nos toca, nos sucede, nos ameaça no sentido mais profundo do ser de tal forma que o que está a nossa volta pode ser modificado severamente a partir da impressão interna que temos. Em outras palavras, construindo diferentes representações que temos sobre o mundo que nos é exterior. Com isso, compreende-se, de modo resumido, que a experiência é aquilo que nos acontece e, portanto, nos atravessa e assim nos transforma, modificando nossa compreensão sobre o mundo e representações que construímos.

[...] representações são conjuntos dinâmicos de ideias, imagens, questionamentos, discordâncias, previsões, argumentações e intuições, relacionados, que preenchem a mente durante a leitura, a escrita, a fala, ou outra experiência em que esteja envolvida a aquisição, explicitação ou troca de pensamentos e conceitualizações. Cada representação inclui o que o indivíduo compreende e não compreende, assim como quaisquer suposições momentâneas acerca de como o todo do mundo textual vai se manifestar e quaisquer reações a isso. Uma representação está sempre num estado de mudança ou disponível e aberta a mudanças. Esse ato de mudar é o que se chama “construção de representações”. A construção de representações não é apenas uma atividade literária; nós construímos representações sempre que damos sentido a nós mesmos, aos outros e ao mundo. (Langer, 2005, p. 22-23)

Como observado por Langer (2005), as representações que o leitor pode construir durante uma leitura são subjetivas, porque dependem da compreensão que cada ser tem sobre o mundo, ou seja, depende da subjetividade de cada sujeito. Durante a leitura do parágrafo de abertura de um conto, por exemplo, o leitor vai ganhando pistas que não são muito claras, porém é a partir delas que é possível compreender que a história que se quer contar sobre uma personagem, porque, de certa forma, vai ativar o conjunto de experiências de sua vida para compreender quem é uma personagem da história. Assim, uma representação somente é construída quando são realizadas conexões com a realidade pessoal, a partir disso o leitor não constrói uma imagem de e sim a representação do conceito indicado por uma palavra e neste momento o mundo invade o texto. Com isso, (Langer, 2005, p. 24) afirma que “desde o início, compreensão e interpretação, e as pessoas têm um número de opções disponíveis quando desenvolvem suas interpretações”. As citadas opções são definidas pela autora como *posicionamentos*, que são críticos para o ato de construir representações, pois cada um possui e apresenta diferentes perspectivas para o surgimento de ideias.

Os posicionamentos possuem padrões e conteúdos particulares baseados nas

experiências e expectativas de um leitor específico enquanto interage e estabelece trocas com um texto em específico. Brevemente, a autora identifica quatro posicionamentos de diferentes níveis, sendo o *posicionamento 1* o começo da leitura e tem como base a busca de ideias e especulações que serão basilares para a construção de representações e compreensão do que é lido; o *posicionamento 2* é a especulação, durante todo o processo de leitura, do que as coisas podem significar, com o leitor tendo diferentes ideias e, portanto, mantendo a interpretação do que se lê em aberto; o *posicionamento 3*, é definido como substancialmente diferente dos demais, pois é nesse que o leitor se afasta do texto, a partir da compreensão do que leu, analisa suas experiências de vida, com a Literatura desempenhando seu papel social de fazer pensar o eu o mundo, sendo tão forte que se torna o grande motivo de se estudar Literatura como auxílio para compreensão do viver; o *posicionamento 4* é onde se realiza a retomada do texto, é o momento em que o leitor deixa de lado as representações da vida para afirmar se uma obra ou autor é seu preferido ou concorda ou discorda de outras interpretações, incluindo o autor do texto que se leu.

Com o exposto, quando se sai para uma aventura, em mar ou terra, aprendemos a ver o mapa, mas não a ler os perigos que se põem à frente e a talvez necessária correção de rota, porque diferente daqueles que trancafiados chegaram a esta terra que os fez sangrar e quase perder sua identidade, não estamos em pleno mar no Reio na da Mãe Yemanjá, não navegamos sob a sua lua soberana. Estamos num lugar de águas que aparentemente são calmas e às quais já nomeamos, o Mar Subjetivo, as águas que existem dentro de cada sujeito, águas que fazem parte do Reino de Oxum, a senhora do ouro e das emoções que fluem como o rio. Rio de forma curvilínea com corredeiras, quedas, leitos, deltas, um rio que se alarga em tamanha imensidão que vira Mar, esse é o Reino de Oxum e por ser seu tem suas características, belo, tranquilo, esperto, inconstante e perigoso.

O leitor é inconstante, porque sua vontade sempre muda, o leitor em si é uma metamorfose ambulante que não tem aquela velha opinião formada sobre tudo, o leitor é inconstante porque a cada página que vira, flipa ou desce, uma nova sequência de experiências é vivida, novas palavras são inscritas no leitor. O leitor é perigoso, mas não porque é uma ameaça ao outro, mas sim porque é uma ameaça a si, a sua própria existência, porquanto de tão móvel que é, pode se perder em suas leituras, pode perder o caminho do mundo, o que não é o objetivo de ler, porque ler não é perder-se, ler é encontrar-se das mais diferentes formas, numa tentativa infinita de mudar o que nos rodeia.

Como como então trabalhar com leitores em diferentes níveis de processo formativo? Não é fácil a resposta, porque não se sabe como trabalhar com um sujeito – ou grupo de sujeitos – tão específicos. Não sei se é possível chamar de método, pois o uso dessa palavra implica numa sequência exata de passos para se atingir um resultado, resultado esse que

deve ser repetido numa aplicação realizada por outro em diferente contexto. Pela significância do método, não podemos utilizar aqui porque contextos diferentes implicam em resultados diferentes quando se trabalha com a subjetividade de sujeitos leitores – ou em processo de formação.

Falamos aqui não de uma estratégia ou de um método, mas de viver e, se neste trabalho, consideramos que a literatura é algo que precisamos viver para que ela nos transpasse e aja no reino de Oxum é preciso que a instituição do sujeito leitor, de alguma, forma mexa no sujeito, não como as ditas metodologias ativas que atravancam o caminho, ativando e revolvendo o mar subjetivo, o emocional do ser humano. Falamos aqui de uma Experiência Leitora ou de Experiências de Leitura.

Uma experiência de leitura permite uma reflexão não sobre o texto, sim com o texto literário, o que significa dizer que a reflexão não é objetivo, mas parte integrante e ela não tem – ou não deve ter – uma relação direta sobre o que se diz no texto, porém está diretamente relacionada com efeito que o texto causa, ou não no sujeito que o lê e sobre o como o leitor constrói as representações naquele texto. Em outras palavras, uma Experiência Leitora consiste num processo reflexivo de leitura em que o sujeito constrói – ou desconstrói – representações a partir do modo como a Literatura o atravessa, o faz buscar suas experiências anteriores. Esse processo subjetivo é de difícil compreensão, porque – baseados nos posicionamento de leitura – cada leitor passa pelas quatro posições em momentos diferentes, lembrando que elas podem ser alternadas durante o ler, indo do *posicionamento 1* ao *3* para, então, realizar o *2*. Mas ainda resta a questão, como se realiza uma Experiência Leitora?

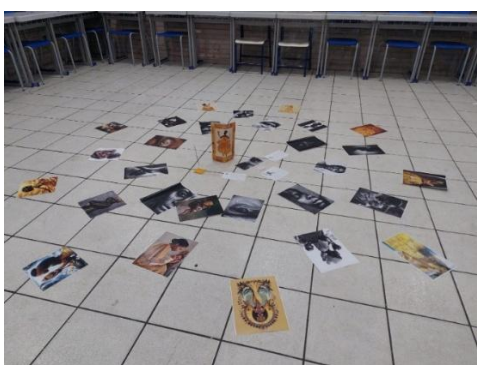
Antes de falarmos sobre cada uma das partes, é necessário afirmar que para a realização de uma Experiências Leitora é necessário o conhecimento sobre os sujeitos, ou seja, uma Experiência Leitora só pode ser realizada em um ambiente em que o mediador – neste caso o professor titular da turma – tem conhecimento sobre o grupo e se o grupo tem conhecimento sobre o mediador, porque questões sensíveis podem ser desveladas. Essa necessidade também é expressa na questão de seleção dos texto que compõem a Experiência, o que significa dizer que as escolhas são intencionais de acordo com o grupo e o contexto social em que a experiência ocorre que, na situação em que se realizou a pesquisa de dissertação, foi um grupo de estudantes-trabalhadores de uma escola pública – E.E.E.M. Antonino Xavier e Oliveira – numa zona periférica do município de Passo Fundo, interior do Rio Grande do Sul. É preciso selecionar textos que tenham a mínima relação com a vida de quem lerá, por isso foram escolhidas as obras citadas na introdução deste trabalho. O grupo, diferente do mediador, não precisa ter conhecimento sobre quem escreveu, compôs ou interpreta, os textos devem ter relação com momentos que já foram vividos, ou seja, em algum momento, no grupo em questão, falou-se sobre Rap, Hip-hop,

sobre violência, sobre maternidade e sobre religiosidade.

Posto isso e mostrado que este professor conhece seus alunos, passemos às descrições propostas das etapas da Experiência de Leitura. O primeiro momento chamamos, aqui, de Sensibilização e ele pode ser similar a uma ativação de conhecimentos ou motivação, mas é uma singularidade. Esse momento é singular pelo fato de que ele não pede uma motivação, ele não traz motivos, assim como – de certa forma – não é uma ativação de conhecimentos prévios (que pode ocorrer), porém é baseado na ativação emocional do leitor. Em outras palavras é o momento de tornar o leitor sensível ao texto, podendo estarem presentes elementos que têm relação com o texto a ser lido. Para ativar as emoções dos leitores, neste caso um grupo de adolescentes do Ensino Médio, o espaço da sala de aula também deve ser alterado, porque ao estarem sempre às costas um dos outros e aos lados, nunca estão juntos e o que se propõe aqui é uma experiência de coletividade, porque apesar de a leitura ser um ato individual, o seu final é coletivo e a estrutura tradicional da sala de aula não permite o compartilhamento, porque ela é altamente individualizadora, impedindo a experiência.

Nesse sentido, a transformação do ambiente pode ser uma modificação da estrutura da sala de aula que pode ser simples, como a formação de uma grande roda ou de pequenos grupos, ou a presença em outro ambiente da escola ou de fora da escola, fazendo uso de um espaço não pedagógico como pedagógico, como parques e praças – observando a devida segurança - , o certo é que a Sensibilização deve estar de acordo com a seleção de textos. Considerando que a primeira Experiência Leitora tem como base o conto *Olhos d'Água*, optou-se por alterar o ambiente da sala de aula, transformando-o na seguinte imagem.

Figura 1 - Experiência Leitora I: Preparação da Sensibilização



Alteração do ambiente da sala com imagens de mães, olhos e da Orixá Oxum.

Fonte: Acervo próprio

A imagem acima tem relação com a seguinte parte do conto *Olhos D'água*.

Vi só lágrimas e lágrimas. Entretanto, ela sorria feliz. Mas eram tantas lágrimas, que eu me perguntei se minha mãe tinha olhos ou rios caudalosos sobre a faca. E só então compreendi. Minha mãe trazia, serenamente em si,

águas correntezas. Por isso, prantos e prantos a enfeitar seu rosto. A cor dos olhos de minha mãe era cor de olhos d'água. Águas de Mamãe Oxum! Rios calmos, mas profundos e enganosos para quem contempla a vida apenas pela superfície. Sim, águas de Mamãe Oxum. (Evaristo, 2023, p. 18-19)

Aqui se tem potência da prosa poética de Conceição Evaristo e, neste conto selecionado, a autora aborda a relação entre filhas e mãe, focando nas relações familiares, levando o leitor a despertar diferentes emoções. A partir das características deste texto, a sensibilização foi pensada da seguinte forma: as culturas africanas são coletivistas, assim as mesas e cadeiras, nessa experiência, foram colocadas às margens, utilizadas apenas como apoio, permitindo que ao adentrar na sala os alunos ficassem juntos. O texto, em seu final citado aqui, fala sobre a Orixá Oxum que nas religiões afro-brasileiras é a protetora das mães, dos recém-nascidos, regente dos partos e das emoções e, apesar de não ser a mãe dos Orixás – cargo de Yemanjá – representa o arquétipo da mãe. Pensando nessa relação, no círculo exterior foram dispostas diversas imagens da divindade africana; no primeiro círculo interno, as imagens de mães negras com seus rebentos; no segundo círculo interno, foram dispostas imagens de olhos chorosos e, ao centro, como se vê na imagem, o livro *Olhos D'água*, uma imagem de Oxum em sua representação mais clássica como Orixá Incorporado, incensório com incenso de alfazema, que é o incenso para Oxum. No centro também estavam dispostos os seguintes textos: a) uma adaptação de reportagem da Agência de Notícias C&T da Universidade Federal da Bahia (UFBA) com a Mãe Valquíria d'Oxum sobre o Sagrado Feminino no Candomblé; b) a sinopse do livro *Olhos D'Água*; c) uma pequena biografia da escritora Conceição Evaristo.

A alteração do ambiente, neste caso, não envolveu apenas a modificação visual, mas também a ativação de outros sentidos, porque através deles as experiências também puderam ser suscitadas, como já visto. Para isso utilizou-se a música *Canto de D'Oxum*, composta por Vinicius de Moraes e Toquinho e interpretada por Maria Bethânia, em um volume agradável aos ouvidos, ou seja, a canção não tomou papel central nas experiências, porém auxiliou na criação de um ambiente relaxante, não regido pelo tempo do relógio, propício a sua ocorrência, considerando a voz da intérprete e o ritmo lento e aconchegante da música. Além da música, apelou-se também ao olfato, tendo conhecimento da vaidade e cuidado de Oxum e seu gosto peculiar por perfumes, foi posto, ao centro, junto a sua imagem uma vareta de incenso de alfazema – erva símbolo da Orixá – em um incensório amarelo, o qual foi aceso pouco antes da recepção aos participantes. Pensando no impacto sensorial gerado pelo incenso e pela música, solicitou-se aos alunos participantes que adentrassem a sala de mãos dadas e seus olhos foram vendados.

Visto isso, mostramos que a Sensibilização deve ser orientada ao texto literário, pois como já dito, o objetivo não é a busca de conhecimentos prévios à leitura, mas que os

participantes consigam construir um caminho subjetivo ao texto, um caminho que de certa forma os permita navegar ou serem enredados pelas palavras de arte. O tornar sensível é, portanto, preparar o leitor à recepção através da experiência para ser – ou não – impactado pelo texto literário, o que nos leva a afirmar que fatores do texto devem estar presentes e ser considerados ao extremo, então se – de certa forma – o texto é emotivo em seu enredo, se ele suscita as emoções do leitor – o que neste caso acontece ao se falar sobre a entidade mãe – a preparação deve ser orientada a isso. Além do já posto, a Sensibilização também pode ser uma forma de resguardo, proteção ao se tratar de temas sensíveis, por exemplo, nesta primeira Experiência, que tem a presença contante de uma divindade africana, seus mitos e histórias fizeram parte deste momento para a *priori*, desconstruir o que se pode entender como uma visão racista e preconceituosa e dar voz a alunos praticantes de religiões de matriz africana, que partilharam com seus colegas seus conhecimentos sobre Oxum. Isso também é uma forma de cumprir com o disposto na Lei 11.645, de 10 de março de 2008, que torna obrigatório o estudo da cultura indígena e afro-brasileira nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio.

A *Sensibilização* não é encerrada, porque o texto literário – agora não importando por quem fora escrito – é sensível, desta forma o que acontece, assim como com os elementos da natureza, é uma transformação do momento para o que aqui chamamos de *Compartilhamento*. Compartilhar é uma palavra bonita, partilhar o que se tem junto aos outros, seja dinheiro ou conhecimento. Às vezes temos uma certa tendência teórica em acreditar que a leitura é uma atividade solitária, apenas do leitor com o livro e quando se vira a última página e se cerra com a contracapa, findou-se o ato de ler, todavia, é preciso compreender que, primeiramente, o leitor ainda que em processo de formação, nunca está sozinho, pois é, talvez, o resultado de tudo que já tenha lido; secundamente, há um autor – ainda que defunto – que não podemos matar, como os estruturalistas, não porque tenha o dom – ou maldição – da imortalidade, mas sim, por ser a fonte da intencionalidade do que se escreve, porque todo discurso tem uma intenção que o sustenta; terceiramente, em algum ponto há outro leitor porque é possível haver o debate sobre o texto, ainda que o interlocutor não tenha conhecimento sobre. O que quero dizer é que o texto não se finda em si, pois o leitor – alguns religiosamente – tratam como missão o compartilhamento do texto ao falar sobre e indicar como leitura e até nesta peça acadêmica que reflete sobre teorias vivas.

Desta forma *Compartilhamento* é o momento da leitura coletiva e da coletivização da leitura, que são partes diferentes de um todo. A leitura coletiva é o momento, em si, do primeiro contato do leitor com o texto literário selecionado para a Experiência de Leitura e aqui podem ser utilizadas diferentes práticas de leitura, como por exemplo, mencionado por Cosson (2023), a leitura dramatizada – que é mais comum na leitura de poemas

narrativos, mas é competente ao se tratar do conto, a contação de histórias – que não é leitura em voz alta – e é mais comum na Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental, a Leitura Protocolada, os Círculos de Leitura, entre outras.

No que tange à *Coletivização*, observemos as imagens a seguir:

Figura 2 - Experiência Leitora I: Coletivização



Trio de alunos sentados em classes lendo diferentes parte dos texto.

Fonte: Acervo próprio

Na figura 02 temos um grupo de meninos dentro da sala de aula, sentados da forma como escolheram e se sentiram à vontade e, aparentemente, cada um com uma cópia do texto, mas não. Como posto no plano da experiência, a orientação foi de a turma estar dividida em pequenos grupos de até quatro integrantes – escolha livre dos alunos – e cada grupo recebeu uma cópia do texto e lhes foi facultada a possibilidade de ler em outros lugares da escola. Alguns grupos optaram por estarem no corredor da escola, outros na biblioteca, outro na sala de material esportivo, outros na quadra e outros continuar na sala. Para este momento pensou-se numa espécie de protocolo mais ou menos estruturado para guiar a leitura com base nos Círculos Leitura, uma proposição de Harvey Daniels, de 2002 e trazido por Cosson (2023). Explicando brevemente, um círculo de leitura se trata de uma atividade independente de leitura, em que os alunos, em grupos, se reúnem para realizar a leitura de uma obra, possuindo as seguintes características essenciais: a) a escolha da obra pelos estudantes; b) a temporariedade dos grupos; c) a leitura de diferentes obras; d) o cronograma de atividades; e) os tópicos de discussão; f) as ferramentas de registro.

Observando os Círculos de Leitura, percebe-se que a forma que é proposta é de um Clube do Livro em que os integrantes realizam a leitura em suas casas, fazem suas anotações sobre a obra e reúnem-se para posterior discussão. Todavia, há algumas diferenças, porque na estrutura do Círculo de Leitura, os integrantes assumem, conforme Cosson (2023), diferentes funções, sendo as seguintes: a) o conector; b) o questionador; c) o iluminador de passagens; d) o ilustrador; e) o dicionarista; f) o sintetizador; g) o pesquisador; h) o cenógrafo; i) o perfilador. Nem todas as funções podem ser preenchidas,

pois depende do tamanho do grupo, ou por liberdade do docente, novas funções podem ser criadas, todavia há de se tomar o cuidado para que algo natural como a discussão e o debate das obras não se torne mecanizado e, portanto, chato se a formação do círculo de leitura for adotada como metodologia dentro um processo mais longo. Para evitar isso, aconselha-se que professor abandone a colocação das funções à medida que os grupos se acostumem ao funcionamento dos círculos.

Como já afirmado aqui o que foi proposto é uma prática de leitura coletiva semiestruturada partindo de uma espécie de círculo de leitura, primeiramente todos os grupos leram o mesmo texto e se estabeleceu a seguinte estrutura:

- a. Iluminador: aquele que vai escolher uma passagem do texto e explicar seu motivo de escolha para o grupo.
- b. Conector: aquele que vai conduzir o grupo para ligar a obra com a vida, com o momento.
- c. Perfilador: aquele que vai construir o perfil das personagens.
- d. Questionador: aquele que irá preparar quatro perguntas sobre o texto para discussão no grande grupo.

Qual integrante do grupo teria uma função específica, não foi determinado por este professor, mas, sim, pelos próprios grupos e a atribuição da liberdade de escolha fez com que surgissem diferentes protocolos de leitura dentro dos grupos, porque, apesar de cada um ter um papel importante, o foco está na leitura do texto literário. Grupos diferentes adotaram protocolos internos de leitura diferentes, mas que ainda assim são coletivos, como os meninos da figura 14. Descrevendo o grupo, o protocolo adotado foi o seguinte, antes da atribuição dos papéis, optaram por dividir o texto, que foi separado em três partes – relativamente iguais – e cada integrante leu sua parte; após a leitura das partes, cada um contou aos colegas seu fragmento da história e, partir disso, formaram a unidade do conto. Cabe destacar, neste caso, que os alunos, ao contar sua história aos colegas, acionaram suas subjetividades, pois quando se conta algo que se leu, não se repetem as palavras da escritura, são adicionadas novas camadas, porque o sujeito, neste ponto, já ativou suas experiências e, ao contar a história utilizando a sua forma única, dando sua voz aos personagens, o que o leitor transmite é a sua versão já carregada de representações a outros leitores que passarão por processo similar. Porém, ainda com essa certa individualidade, a leitura se torna coletiva, porque o ato de contar um texto já cheio de representações, contribui para a construção de uma representação coletiva.

Ainda nesta proposta de Coletivização há o debate sobre o texto que é mediado pelo professor a partir dos papéis que foram estabelecidos e pelo debate ser coletivo, no grande grupo, a leitura, portanto, assume este caráter. Diferentes grupos – ainda que dentro de um certo grupo quase homogêneo – podem trazer diferentes visões sobre os pontos a serem

discutidos e diferentes comentários, pelo fato de que, mesmo em uma leitura coletiva o texto atinge – ou não- cada leitor de forma diferente. Diante das diferenças, se faz necessário que o professor também esteja inserido no coletivo de discussão, trazendo seus pontos de vista, não de forma hegemônica, mas como algo que contribua para o debate público, estimulando a discussão e a reflexão entre os participantes. Em outras palavras, cabe ao professor – na figura do mediador, instigar o debate público do texto lançando mais questões e pontos de vistas além dos já postos pelos grupos no grande encontro.

Pela experiência ser parte de uma pesquisa, necessitamos de um instrumento de coleta de dados, assim como o questionário apresentado anteriormente, dessa forma, tendo como foco o registro do leitor. Esse é o momento das *Conexões*, no qual os participantes podem refletir de forma individual sobre a sua experiência e, para isso, foi escolhido uma espécie de diário de leitura, que não se trata da transposição do diário pessoal para o ambiente escolar e, sim, de

[...] uma forma de registro das impressões durante a leitura do livro, podendo versar sobre as dificuldades de compreensão de determinadas palavras e trechos, transcrição de trechos favoritos com observações, evocação de alguma vivência, relação com outros textos lidos, apreciação de recursos textuais, avaliação da ação das personagens, identificação de referências históricas e de outros tantos recursos que constituem a leitura como um diálogo registrado entre leitor e texto. (Cosson, 2023, p. 122)

Assim como o *Compartilhamento*, o Diário de Leitura das *Conexões* também é uma prática relativamente estruturada. Faz-se necessário ter uma estrutura mínima, porquanto este é o instrumento que é utilizado para análise - no cumprimento dos objetivos desta peça de escrita acadêmica - conforme o que será apresentado na seção a seguir. Tratando sobre a estrutura do diário, essa deve considerar três pontos importantes: as experiências da vida, os elementos textuais literários e a experiência de leitura. Pensando nisso, desenvolveu-se os três grupos de questões a seguir:

I. Conexões pessoais:

- a. Compare personagens com você ou alguém que conhece.
- b. A qual experiência da vida a história pode ser relacionada?

II. Elementos importantes:

- a. Qual a ideia mais importante do texto para você?
- b. Qual parte você achou mais interessante?

III. Sentimentos:

- a. O que você sentiu ao ler?
- b. Você foi mudando de opinião durante a leitura?

Observando os tipos de questionamentos construídos, primeiro, é possível notar que eles não são específicos sobre o texto, mas, sim, orientados à leitura de qualquer obra

literária, o que quer dizer que, apesar de não se adotar aqui um protocolo de pesquisa estritamente replicável em diferentes contextos, a estrutura – mais ou menos estável do diário de leitura – pode ser reproduzida, ainda assim com resultados diferentes. Além da orientação ao texto literário, as perguntas também são abertas – o leitor não precisa necessariamente voltar ao texto para respondê-las – o que permite ao leitor adentrar em um processo reflexivo sobre o texto, não requerendo a busca por uma informação em específico, portanto, privilegiando a possibilidade de uma experiência.

3 As lágrimas de oxum: análise dos registros em diários de leitura

Aqui vamos tratar do registro de dois dos cinco diários relativos à primeira Experiência de Leitura e essa escolha se justifica pela necessidade de reduzir o escopo análise para artigo.

Começando com o primeiro diário, o que se destaca de princípio é que o participante da atividade utilizou, apesar de seguir a ordem dos questionamentos, uma ordem diferente de organização da que foi sugerida nas perguntas que, como visto, estão organizadas em três (03) blocos distintos e isso já pode indicar um certo nível de personalização, pois foi informado que os diários eram deles e poderiam organizá-los da forma mais adequada para cada sujeito. Para isso, dada a dificuldade de compreender a imagem digitalizada, tem-se abaixo a transcrição do escrito.

- A - A Luara se parece muito comigo, ela teve uma infância difícil e teve que amadurecer muito cedo, teve que entender os sentimentos da sua mãe, entender os seus próprios sentimentos.
- B - A infância difícil que algumas pessoas passam com os filhos, o amor e o carinho.
- C - Que apesar de todas as dificuldades nós devemos amar e proteger nossos filhos. (Diário 01 – Experiência I – página 01. Destaque nosso)

Observando a letra A tem-se, primeiramente, um nome, *Luara*. Realizando uma pesquisa rápida no conto *Olhos D'Água* é possível notar que o nome não existe no texto de Conceição Evaristo, em momento algum a autora nomeia a protagonista, a mãe dela, as irmãs ou a filha, então esta nomeação é algo do próprio sujeito que escolheu o nome e o atribui ao personagem que é a protagonista do texto. O nome escolhido não possui uma origem certa, mas ao escolher um nome tem-se uma proximidade entre texto e leitor, pelo escrito em seguida “se parece muito comigo”. Separando está parte da oração o uso de “se parece” indica a presença de uma comparação, ou seja, aqui a pessoa que escreveu mostra uma semelhança entre ela o sujeito. O leitor se conectou com o texto de uma forma quase que espelhada, pois ao dizer que o personagem tem uma grande semelhança com o leitor,

a pessoa que leu se coloca como sujeito da própria narrativa.

Colocando esse fato dentro dos Posicionamentos definidos por Langer (2005) para a construção de uma representação que afirma – relembrar – que o leitor no construir de uma representação durante a leitura, busca experiências de sua vida que possam ter relações com o texto, o participante do Diário 01 não buscou uma experiência em específico que tenha vivido para construir uma representação, que nomeou Luara, o participante buscou a si, se identificou.

Observemos, agora, a sequência do registro. Numa primeira observação, uma certa impessoalidade, todavia dentro do contexto e observando a pergunta, tem-se uma linha lógica com a resposta anterior. A pergunta sobre a ideia mais importante do texto para leitor, o que quer dizer que cada um pode ter um entendimento e neste diário o tema que fica sobre o texto é a infância difícil que apareceu na resposta anterior. A repetição do tema mostra, mais uma vez, que não se observou a relação mãe e filha e a construção da representação da mãe, pois se a ideia que se destaca é a da infância, essa é uma memória – experiência – pessoal do sujeito, mas também traz que apesar da dificuldade há amor e carinho, mantendo a linha estabelecida anteriormente na questão de compreensão de sentimentos. Então, assim como a personagem, a pessoa que escreveu, este sujeito, agora observando as suas experiências de vida atravessadas pela Literatura – no *posicionamento* 3 – compreende as decisões tomadas por seus responsáveis.

“A parte em que ela diz que compreende os sentimentos da mãe, mesmo sendo só uma adolescente frágil e inocente” (Diário 01 – Experiência I – Página 02). Essa resposta acima foi a última escrita pelo participante desta primeira Experiência e a pergunta é referente a parte que o leitor considerou como mais interessante para si, em outras que teve maior impacto. A parte a que o leitor faz referência pode ser a seguinte citação:

E quando, após longos dias de viagem para chegar à minha terra, pude contemplar extasiada os olhos de minha mãe, sabem o que vi? Sabem o que vi?

Vi só lágrimas e lágrimas. Entretanto, ela sorria feliz. Mas, eram tantas lágrimas, que eu me perguntei se minha mãe tinha olhos ou rios caudalosos sobre a face? E só então compreendi. Minha mãe trazia, serenamente em si, águas correntezas. Por isso, prantos e prantos a enfeitar o seu rosto. A cor dos olhos de minha mãe era cor de olhos d'água. Águas de Mamãe Oxum! Rios calmos, mas profundos e enganosos para quem contempla a vida apenas pela superfície. Sim, águas de Mamãe Oxum. (Evaristo, 2021, S.P.)

Observando bem, o participante escreveu que a personagem é uma adolescente, porém observando o texto de Evaristo (2021), isso não é verdadeiro, então o que observamos aqui ao final é uma reaproximação do sujeito com o texto, isso acontece porque há uma nova informação que é a personagem reconhecer os olhos a cor dos olhos da mãe. Quando essa nova informação é introduzida ao final do texto pelo leitor esse, que já devia se aproximar do *Posicionamento* 4, que é o julgamento do leitor como crítico, volta ao

posicionamento 2, o que quer dizer que o leitor, ao receber essa nova informação, precisa reconfigurar a representação que fora construída e ao fazer isso de nota, mais uma vez, a subjetividade envolvida, pois no momento em que afirma que a personagem é adolescente há um certo lapso, há um esquecimento de que a personagem não é adolescente. Esse lapso faz com que a personagem se torne adolescente e nisso a representação que o leitor constrói sobre a personagem da filha reflete a si, reflete a sua construção enquanto sujeito.

Agora passamos para a análise do Diário 02.

A. A filha me lembra de mim que temo e procuro não esquecer os olhos de minha mãe, sua cor úmida... A mãe se parece com a minha, que abraça o mundo em seus braços de afeto e amor. Ela me ampara e acalma meu espírito em meus momentos de perdição em meus momentos de dor, com minha cabeça em seu colo, 'inda' hoje me fez chorar, deixar sair-me de mim... deixar sair de mim aquilo que não é meu.

A filha que "brincando de espelho" encara os olhos da mãe é minha irmã

B. Ela pode ser relaciona a partida de um ente querido, quando começamos a esquecer seus olhos, seu cheiro, o som da sua voz.

Além disso, ao buscar a lembrança viva, ela vem a si, sua pedra basal, a origem (Diário 02 – Experiência I – página 01. Destaque nosso)

O que é possível perceber logo de começo na análise do Diário 02 é o trabalho realizado com a linguagem, tendo a língua não apenas como forma de comunicar algo, mas também como expressão pessoal. Aqui, além de observar o que já fora marcado no texto como marcas de subjetividade, também é preciso lançar olhar sobre o estilo da escrita, porquanto esse já revela detalhes do sujeito que escreveu. Considerando o modo como o sujeito escreve, nota-se a presença de uma linguagem que brinca com as palavras e os sentidos tendendo à presença subjetiva, o que, em outras palavras, pode revelar um sujeito que, de certa forma, possui o hábito de escrever seja como expressão pessoal ou não. O que corrobora essa visão é a forma de escrever do participante, que possui um ritmo narrativo contemplativo, como se o próprio sujeito, no ato de escrever, não apenas falava sobre o que leu e sobre como aquilo o afetou ou não, não escreve um relato sobre o que escreveu, sim uma quase análise sobre si, sobre as experiências de vida que foram ativadas.

Tendo em mente o que a forma como alguém escreve revela ao sobre si, passemos agora a uma observação da organização. Diferente do Diário 01 em que o sujeito utilizou a organização própria, aqui temos alguém que seguiu a estrutura sugerida, isto é, suas respostas estão organizadas em 03 (três) blocos de 02 (duas) respostas cada e as respostas têm quase um tamanho padrão, com todas demonstrando trabalho com a linguagem.

Ao partirmos para uma segunda análise, somos novamente atingidos pelo acaso da pesquisa, pois, como numa narrativa autodiegética, o participante retoma a figura da filha e a aproxima de si, afirmando que a personagem o faz lembrar de si mesmo no temor de

esquecer *a cor úmida dos olhos de sua mãe*. Ocorre aqui um processo de apropriação, evidenciado pelo uso discreto da linguagem do texto, sem citações diretas, o que demonstra a internalização da obra. Esse movimento reflete o ciclo de aproximação e distanciamento inerente ao ato de ler, no qual o leitor primeiro constrói representações para depois refletir sobre elas. É nesse momento de distanciamento que o sujeito toma um novo caminho, desviando da representação da filha para focar na construção da representação da mãe — o questionamento central do conto. A figura materna que emerge, contudo, desvia-se do conceito social esperado, pois se baseia na premissa de que a experiência entre mãe e filho é única, redefinindo o papel de *mãe* não como uma função predeterminada, mas como a figura responsável pela criança, que constrói laços afetivos, podendo ser ela um irmão, pai, avós ou tias.

Com base nisso, a representação que se constrói dessa figura é algo pessoal, que estabelece aqui uma relação de comparação entre as duas figuras, a mãe do texto e a mãe do sujeito que participam da construção da representação dessa figura. O sujeito aqui parte para uma experiência afetiva quando descreve o abraço da mãe com *braços de afeto e amor* e há o sentido da expressão abraçar o mundo que popularmente é compreendida como a tentativa de alguém resolver problemas que estão além da sua personalidade. Essa lembrança do abraço da mãe pode ter sido desperta por algumas partes do texto que constroem a relação afetiva entre a mãe e suas filhas pela lembrança da mais velha, como

Às vezes, no final da tarde, antes que a noite tomasse conta do tempo, ela se assentava na soleira da porta e juntas ficávamos contemplando as artes das nuvens no céu. Uma viravam carneirinhos; outras, cachorrinhos; algumas, gigantes adormecidos, e havia aquelas que eram só nuvens, algodão doce. A mãe, então, espichava o braço que ia até o céu, colhia aquela nuvem, repartia em pedacinhos e enfiava rápido na boca de cada uma de nós. Tudo tinha de ser muito rápido, antes que a nuvem derretesse e com ela os nossos sonhos se esvaecessem também. Mas, de que cor eram os olhos de minha mãe?

Lembro-me ainda do temor de minha mãe nos dias de fortes chuvas. Em cima da cama, agarrada a nós, ela nos protegia com seu abraço. E com os olhos alagados de pranto balbuciava rezas a Santa Bárbara, temendo que o nosso frágil barraco desabasse sobre nós. [...] (Evaristo, 2021, S.P.)

Observando o texto de Conceição Evaristo é possível uma aproximação do que é escrito no diário com o que foi lido pelo sujeito, pois no texto há a construção da relação da mãe com a filha em momentos de intimidade que são a brincadeira das nuvens e no momento de medo da mãe que abraça para proteger as filhas. Essa representação da mãe como uma figura afetiva e de proteção quando o sujeito escreve o seguinte *Ela me ampara e acalma meu espírito em meus momentos de perdição em meus momentos de dor*. Apesar de no texto estar descrito medo da mãe, aqui se coloca o medo da filha que vê a mãe como amparo, como um porto seguro no meio da tempestade que pode passar pela sua vida adolescente. A figura de mãe que aqui se constrói parte das memórias que o sujeito tem

de sua mãe como alguém que o protege e guia o seu caminho, ou seja, a mãe como uma figura de experiência.

No conto de Evaristo (2021) uma pergunta é constante, “de que cor eram os olhos de minha mãe?” o que traz o esquecimento da filha ou a falta de conhecimento sobre porque quando pensamos em cor dos olhos, referimo-nos a íris que é parte onde está a pigmentação e a protagonista não consegue lembrar e quando lembra, ao final, os olhos de sua mãe eram de cor úmida, cor de rio, cor de choro, sua mãe estava sempre chorando. A repressão - o fato de não ter lembrança - é uma forma que a psiquê tem de *proteger* - não é bem essa a palavra - o *eu* de pensamentos ou lembranças que são incompatíveis ou traumáticos. Não vamos adentrar aqui na psicanálise da leitura, não é o nosso objeto.

Na resposta do participante, emerge como ponto central o medo do esquecimento, revelado pelo eufemismo "partida de um ente querido". Essa escolha linguística não denota apenas um abrandamento, mas o temor de que os detalhes que constituem a memória afetiva — a cor dos olhos, o cheiro, o som da voz — se percam quando a figura materna, sua origem, não está mais presente. Há uma isomorfia com sua resposta anterior, pois a lógica do "tentar não esquecer" se mantém, agora vinculada a uma ancestralidade pessoal que espelha a do conto de Evaristo. Sob a ótica de Judith Langer (2005), percebemos que o leitor não se afasta para um julgamento crítico, *Posicionamento 4*, mas permanece num trânsito contínuo entre ser e estar no mundo do texto no *Posicionamento 2* e usar a distância reflexiva no *Posicionamento 3* não para analisar a obra, mas para inundar a literatura com seu próprio universo, trazendo à superfície a dualidade da necessidade de lembrar e esquecer.

Essa sensibilidade interpretativa é atravessada pelo contexto social do sujeito. O leitor identifica nas "mazelas da desigualdade social" do conto um espelho de sua própria vivência, o que é significativo ao considerarmos que 83% da turma é composta por estudantes trabalhadores. As experiências que ele busca ao estabelecer seu contrato com o texto são as de alegria e tristeza, amor e sofrimento da própria vida. Ocorre, então, uma profunda conexão, na qual a poesia de sua existência se permite ser atravessada pela prosa poética de Conceição Evaristo, elevando a experiência literária a tal ponto que o ato de ler transborda para o de criar, culminando em um poema de sua autoria, transcrito a seguir.

Lágrimas na alma e olhos úmidos.
Sinto ainda a mágoa e o lamento, mas supero-os com alegria do reencontro,
Sofrido, cheio de empatia e amor.
Amor sentido que aperta o coração
Um ‘cadinho’ mais e mais até que sufoca,
E num soluço que rompe o silêncio...
Se quebra em lágrimas o pranto,

Agora quente, escorre e chora e chora tanto
Se misturam os rios num só braço caudaloso...
Um só elemento salgado, cáldo
Que leva em boa hora o sufoco,
A dor e a angústia por não saber...
Qual a cor úmida de seus olhos? (Diário 02 – Experiência I – página 04.)

Como regra para transcrever, foi mantida a essência da forma de expressão do sujeito *ipsis litteris* e a leitura deste poema, ainda mais, a sua presença como forma de registro, nos mostra a potência com que o texto atravessa o leitor. Esse atravessamento vem da relação dos posicionamentos de leitura que de tal forma corroboraram com a possibilidade de o leitor se apropriar do texto num formato original, numa produção que parte do texto não sendo sobre o texto, mas sim sobre as impressões subjetivas do sujeito, isto é, revela os sentimentos que o sujeito tem ou teve durante a leitura o que nos traz a compreensão de que o leitor viveu essa experiência de tal forma e com tamanha forma, partindo das memórias que foram despertadas durante a leitura e a escrita o seu *coração* foi apertado de tanto que não houve outra saída além da poesia. Aqui também vemos que a Literatura não é um exercício de futurologia, ela não é sobre quem podemos ser porque o que sujeito está nos dizendo é que a leitura Literária neste diário, assim como no anterior, é sobre quem somos no decorrer de nossa história, é sobre como nosso passado nos molda, é sobre como as nossas experiências nos constroem como sujeitos complexos e como estamos alheios ao tempo.

4 Ancoradouro: os mares ainda por navegar.

Ao ancorar a embarcação que nos guiou, concluímos que a viagem pelo Mar de Subjetividades foi mais reveladora do que o mapa inicial previa. A metodologia das Experiências de Leitura provou ser uma nau robusta, mostrando-se eficaz não como uma rota fixa, mas como um meio para adentrar as correntes emocionais dos leitores. A análise dos diários – nossos diários de bordo nesta travessia – revelou um diálogo visceral entre a literatura e as vivências pessoais, onde a estrutura de *Sensibilização*, *Compartilhamento* e *Conexões* funcionou como velas abertas ao vento das emoções, permitindo que os leitores fossem verdadeiramente atravessados pelo texto. O resultado foi uma imersão profunda, que revolveu as águas da memória, do afeto e do medo, como visto nos registros dos participantes.

O impacto desta navegação é visível nas marcas deixadas nos sujeitos. Vimos leitores que, para se apropriarem da narrativa, nomearam personagens não nomeados ⁵, espelharam-se nos conflitos da protagonista, e transformaram o sentimento provocado pela leitura em criação poética própria. Tal transformação só foi possível pelo papel

essencial do mediador-professor, o timoneiro que, conhecendo sua tripulação e as águas a navegar, soube escolher um texto representativo como *Olhos d'Água*. A escolha intencional da obra e a cuidadosa preparação da *Sensibilização*, com seus elementos culturais e sensoriais, agiram como o farol que guiou a experiência de forma segura e significativa.

Em suma, esta pesquisa-ação-participante afirma a potência da literatura como ferramenta de formação humana, uma experiência a ser vivida em um tempo suspenso, alheio à velocidade cotidiana. As lágrimas, memórias e poesias que emergiram nos diários demonstram que, ao criarmos as condições para uma imersão verdadeira, permitimos aos jovens leitores navegarem por si mesmos, encontrando em suas leituras um reflexo de suas próprias vidas. Que este relato sirva, portanto, não como um mapa definitivo, mas como uma carta náutica que encoraje outros educadores a se lançarem a este mar, confiando no encontro transformador entre o leitor, o texto e a vida.

Reading Experiences: A Path for Reader Development

Abstract

This article, derived from a master's thesis, introduces the "Reading Experiences" methodology, a pedagogical approach based on the theoretical assumptions of Larrosa (2022), Langer (2005), and Cosson (2023). The study, characterized as applied research with a participant action research design, was conducted with high school students from a public school in Passo Fundo, RS, Brazil. Its main goal is to demonstrate how the literary experience, structured in three stages—Sensitization, Sharing, and Connections—impacts the readers' subjectivity. Based on the reading of the short story "Olhos d'Água" by Conceição Evaristo, the study analyzes reading diaries as a tool for recording and verifying subjective transformation. The data analysis reveals a profound dialogue between the literary work and the students' personal experiences, manifested through the appropriation of the narrative, the construction of representations that mirror their own lives, and the creation of original poetry in response to the text. The article concludes that this methodology, combined with the essential role of the teacher-mediator and the selection of representative texts, affirms the power of literature as a tool for profound human and social development, capable of fostering significant emotional and cultural transformation in students..

Keywords: Reading experience. Subjectivity. Literary mediation. Reader development

Referências

- COSSON, Rildo. **Círculos de Leitura e Letramento Literário**. São Paulo: Contexto, 2023.
- EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2023.
- LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. In: LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2022. Cap. 1. p. 15-34.
- LANGER, Judith A. **Pensamento e experiência literários**: compreendendo o ensino de literatura. Passo Fundo: Upf Editora, 2005.

RACIONAIS Mc's. **Sobrevivendo no Inferno**. 1ª Edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2018, 144 p.

YUKA, Marcelo; JORGE, Seu. A Carne. *In*: SOARES, Elza. **Do Cóccix até o Pescoço**. [S.l.]: Maianga, 2002. 1 CD. Faixa 7.